

OS CAMPOS CONCEITUAIS NA LÍNGUA DE ESPECIALIDADE DA PESCA DA COMUNIDADE DE BAIACU-VERA CRUZ-BA

Cristiane Fernandes Moreira¹
Teresa Leal G. Pereira²

Resumo: *Os campos conceituais na língua de especialidade da pesca da comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Ba compreendem um estudo de análise descritiva predominantemente semântico-lexical dos termos da língua de especialidade da atividade pesqueira na comunidade de Baiacu. Apresentam os resultados da pesquisa outrora realizada para o mestrado. Tem por base o referencial teórico-metodológico da Onomasiologia e da Semasiologia, bem como no campo de debates da Lexicologia. A principal problemática refere-se à investigação em torno da estruturação dos campos conceituais e dos campos semasiológicos do vocabulário do grupo em apreço. A análise se realiza com base na pesquisa desenvolvida a partir da aplicação de inquéritos lingüísticos com pessoas que trabalham na pesca e completada com dados de dicionários gerais e etimológicos. Os resultados apontam que é possível observar, com base no estudo sobre as denominações, que os dicionários gerais e etimológicos apresentam apenas definições, sem uma estrutura ideológica. Algumas das denominações são formadas com base no que já pertence na língua, os pescadores fazem associação a objetos conhecidos. Fato que retoma ao que foi ressaltado por Coseriu (1980), quanto às linguagens técnicas profissionais, onde os significados coincidem com as denominações e pertencem à tradição. Referem-se ao conhecimento das coisas e isso não vale apenas para as linguagens das ciências e das técnicas constituídas, mas também para o léxico da ciência e técnica populares, porque extrapolam o saber lingüístico como tal e implicam um saber relativo às próprias coisas.*

Palavra-chave: Semântica; Onomasiologia; Semasiologia; Terminologia

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa a apresentar as primeiras impressões da dissertação ‘*As designações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Bahia*’ vinculado ao Departamento do Programa de Pós-graduação da UFBA. Tem como objetivo geral realizar um estudo onomasiológico a partir da teoria proposta por Baldinger (1970), e da Socioterminologia e, específico organizar um glossário dos pescadores da comunidade de Baiacu com base nos conceitos que os originaram, e nos dicionários gerais e etimológicos. Para este estudo preliminar, a proposta é descrever os *campos onomasiológicos de ‘moço’* e de ‘*candeeiro*’, a partir das relações que se estabelecem entre as unidades lexicais e os conceitos que as representam. A principal problemática é como estão estruturados os campos conceituais e os campos semasiológicos da atividade pesqueira em Baiacu? Uma das hipóteses que norteia essa busca é a de que as relações que se estabelecem o conteúdo lingüístico e a realidade extralingüística nas designações se apresentam em campos onomasiológicos e semasiológicos estruturados e categorizados de forma definida para explicar a semelhança e dessemelhança entre

¹ Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal da Bahia – PPGL/UFBA. E-mail: svencris@yahoo.com.br

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação de Letras e Linguística do Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: teresa@ufba.br, teresapereira33@hotmail.com. - Orientadora

os membros centrais das categorias e os outros membros. A temática sobre as designações é um assunto que se apresenta com base no referencial teórico-metodológico da Onomasiologia e da Semasiologia, pautado na proposta da Semântica Estrutural Européia proposta por Baldinger (1970), e se enquadra do mesmo modo no campo de debates da Lexicologia e da Socioterminologia. A análise é feita com base na pesquisa desenvolvida a partir da aplicação de inquéritos lingüísticos com pessoas que trabalham na pesca comunidade de pescadores artesanais de Baiacu e completado com dados de dicionários gerais e etimológicos. Os dados preliminares informam que as designações encontram-se estruturadas a partir de relações de semelhança e dessemelhança entre os termos, além de outras relações.

2. MÉTODOS E TÉCNICAS

Como métodos e técnicas utilizados, duas fontes servem para a extração dos dados: fonte direta - livros, teses, artigos; e mostras dialetais. As definições são elaboradas, a partir das abonações dos pescadores e dos dicionários gerais e etimológicos.

2.1 Da Constituição do *Corpus*

O *corpus* desta pesquisa é a linguagem de especialidade, constituído a partir de aplicações de inquéritos lingüísticos com pessoas que trabalham na pesca da comunidade de Baiacu-Vera Cruz-Bahia. Consta, para esta comunicação, de 20 (vinte) designações em um universo de duzentos e trinta e dois termos analisados em um *corpus* maior.

2.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Foram selecionados 35 (trinta e cinco) informantes. Dentre eles, consta a presença de uma marisqueira e 34 pescadores, com idade compreendida entre 21 a 86 anos, todos nascidos na comunidade e que jamais tivessem fixado moradia em outro lugar. Quanto à escolaridade, a maioria estudou até a primeira série do primeiro grau.

2.3 A ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO

O questionário lingüístico utilizado na comunidade do Baiacu teve como referência o Questionário Semântico-Lexical - QSL aplicado mediante formulação direta. O questionário consta de referências importantes para compreender costumes, hábitos culturais e lingüísticos de um grupo com um total de 112 (cento e doze) perguntas, numeradas em ordem crescente. As entrevistas foram guiadas por perguntas, a exemplo de: “Aquele pescador que é convidado para pescar na equipe do senhor como é que se chama?”; “Como se chama aquele objeto que se usa para clarear o escuro na hora da pescaria?”;

2.4 DA ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO

No que tange à transcrição dos inquéritos, alguns critérios foram obedecidos: todas as formas foram transcritas da mesma maneira realizada pelo falante; os nomes dos informantes, transcritos apenas pelas iniciais maiúsculas; uma pausa menor, indicada por... (reticências), uma maior, por (...); a incompreensão de algum termo, indicada por (?) e as explicações do inquiridor figuram entre parênteses duplo (()).

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico de Lexicologia, Terminologia e Socioterminologia, especialmente da Onomasiologia, baseia-se na versão dos seguintes autores: WARTBURG (1951); BALDINGER (1970;1977); VIDOS (1973); HEGER (1974); ULLMANN (1987); POTTIER (1993); FAULSTICH (2002); SILVA (2005); GEERAERTS (2007).

3.1 LEXICOLOGIA

Cabe à Lexicologia tratar das palavras e de todos os tipos de morfemas que entram na sua composição, tanto na forma quanto no conteúdo. De acordo com Ullmann (1964, p.12; 22-4),

[...] as idéias greco-romanas acerca das palavras e do seu emprego exerceram assim uma influência sobre a semântica moderna [...] dois fatores que desempenharam um papel decisivo para a criação de uma ciência do significado na primeira metade do século XIX. Um deles foi o nascimento da filologia comparada [...]. O outro fator foi à influência do movimento romântico na literatura.

Do ponto de vista de Basílio (1980), o papel do léxico está ligado à dupla função da língua que é a de categorizar as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidade de designação, e categorizar as palavras que utilizamos na construção dos enunciados. Wartburg pontua que (1951, p.177;191; 213; 295)

[...] el vocabulario de una lengua consta de dos grupos de palabras: unas [...] son entendidas y empleadas por todos los miembros de una comunidad lingüística en igual medida; otras, que únicamente son comprensibles para una parte más o menos de dicha comunidad Y solo son usadas [...] por los individuos que integran esa parte.

3.2. SOCIOTERMINOLOGIA

A Socioterminologia é um dos ramos da Terminologia e tem como objetivo trabalhar com os termos da linguagem de especialidade. Oliveira (2001, p.192) apresenta a Terminologia como associada à Lexicologia, e assegura que :

[...] é a terminologia um dos ramos da lexicologia e ambas apresentam um aspecto prático. [...] A terminologia pode ser encarada como uma 'especificidade' da lexicologia, uma vez que trata, não de todas as palavras da língua, mas daquelas que constituem as linguagens especializadas [...] cabe-lhe o estudo das relações de significação (expressão e conteúdo) do signo terminológico, o que inclui a complexa dinâmica da criação desse signo(neonímia), e da renovação e ampliação dos universos de discursos terminológicos.

Na visão de Faulstich (2002), para a produção da Terminologia, é necessário examinar o contexto de produção de léxicos especializados, que se encontram situados ante a Socioterminologia, no espaço da interação social. A Socioterminologia origina-se em reação à

Teoria Geral da Terminologia (TGT) que privilegiava um modelo de padronização das línguas especializadas. A consideração de que nas línguas de especialidade forma e conteúdo podem variar, na diacronia ou na sincronia, cada estágio da língua está limitado por complexos de variedades lingüísticas, as quais se entrecruzam por impulso na linguagem, como produto de variação, as variantes terminológicas formam classes de acordo com sua natureza lingüística. A sistematização dessas variantes é tarefa da Socioterminologia.

3.3 ONOMASIOLOGIA E SEMASIOLOGIA

A Onomasiologia tem por objeto as unidades lexicais advindas dos conceitos que estas representam. A Semasiologia preocupa-se em descrever os vários sentidos de uma palavra ou expressão. Ambas as estruturas, de acordo com Baldinger (1970), são complementares. Para Ullmann (1987), estes termos são de origem grega que representam a idéia de ‘onoma’- nome; ‘sema’ – significação. Do ponto de vista de Baldinger (1970, p.244; 260; 263)

[...] la Semántica e la Onomasiología se ponen al servicio de la lexicología histórica, pero son atraídos al mismo tiempo por la segunda tendencia, la primacía de la estructura. La Onomasiología implica, pues, desde el comienzo, una preocupación de ordenación estructural. [...] esta determinación semasiológica es la condición de la determinación onomasiológica. [...] el lugar semasiológico determina al mismo tiempo el lugar onomasiológico.

Vidos (1973) afirma que a Onomasiologia é o estudo das denominações e se propõe investigar os vários nomes atribuídos a um objeto, animal, planta, conceito, individualmente ou em grupo, dentro de um ou vários domínios lingüísticos. Seus objetivos são, portanto, semânticos e lexicológicos. Para Geeraerts, Cuyckens(2007, p. 989;990; 991; 993)

[...] semasiology and onomasiology [...] are traditionally employed in Continental Structural Semantics and the Eastern European tradition of lexicological reserch. [...] the structural of semasiological change mirrors the synchronic semantic structure of lexical categories, given that the latter involves family resemblances, radial sets, and the distinction between central and peripheral readings. Semasiological change, then, involves the change of prototypically clustered concepts. [...] thee onomasiological choice of a category too express a certain idea.

Para Silva (2005, p.309; 320):

[...] a distinção de complementaridade entre semasiologia e onomasiologia baseia-se na diferença entre dois importantes fenômenos (não-exclusivamente) semântico-lexicais: significação e nomeação, [...] enquanto a semasiologia faz a descrição dos vários sentidos de uma palavra ou outra expressão [...] a onomasiologia analisa as expressões alternativas pelas quais determinado conceito é nomeado [...].

De acordo com Heger (1974, p.29)

El método semasiológico corresponde exactamente al procedimiento seguido por Pottier: dada una especie, a saber, el significado del monema que sirve de punto de partida, se quiere conocer el género próximo y la diferencia específica que determinan a la especie [...] En teoría, la semasiología concebida así es

capaz de resolver hasta los más complicados casos de homonímia y de polisemia.

Pottier, Audubert e Pais (1973) esclarecem que o mecanismo onomasiológico (enunção) é a investigação, a partir de um estímulo, da substância e da forma mais apropriadas para rerepresentá-lo, é a possibilidade de escolher entre diversas soluções que são de modo geral equivalentes, o que equivale à escolha das designações.

4. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Servem de base para esta análise os campos onomasiológicos ‘Moço’ e ‘Candeeiro’, categorias referentes aos domínios de Pescador e de Apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu-Vera Cruz- Bahia.

EXEMPLÁRIO 1: CAMPO ONOMASIOLÓGICO DE MOÇO

Neste campo foram encontradas onze designações para o conceito de *moço* : *Abaixador, popeiro, contra-popeiro, moço raso, moço profissional, moço de rede, pé de banco, largador, calão de fora, calão de dentro, chumbeiro.*

MOÇO s.m.; adj.

Transcr. graf. **mosu**

‘Trabalhador responsável pela atividade da pesca’.

Quanto às definições citadas nos dicionários gerais e etimológicos, encontram-se os seguintes registros:

[...] Trata-se ainda de voz peculiar do castelhano, do galego e do português, de origem obscura. Em 957 aparece o antr. Mozas, na pessoa de Mozas Touroniz, confirmante de diploma recolhido em P.M.H., dipl; p.41; em 1157, ou 1158 surge outro caso: Dominus mozus, também confirmante de documento oficial, este publicado em Chanc., p.255. anos antes, em 1134 escreveu-se texto onde o voc. surge como nome de sítio <<... et deinde ad octario moço de superboiaum.> >, também em Chanc., p. 79. Mocidade (cf. esp. mocedad) no séc.XIV(?) (P.M.H.Scriptores, p. 77b) (MACHADO, 1952, p.1519).

Cunha (1999, p.526) documenta o termo *Moço* como adj. sm. ‘jovem, novo em idade, mancebo’ XIII. De origem incerta, *moça* sf. XIII *mocel. inho* sm. *mocinho/moçellinno* XIII *mocetão* 1813, *mocidade* XIV, *mocinho* XVIII, *remoçar* XVII.. Por sua vez, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2004) apresenta várias definições para o item lexical *Moço*.

Moço (ô) adj. 1 que está na idade juvenil ou na primeira fase da idade adulta; jovem 2 que apresenta características próprias da mocidade; jovem 3 que apesar de mais idade tem aparência jovem; 4. recente, novo 5 pouco desenvolvido; de pouca idade 6. fig. Falto de experiência; bisonho, inexperiente s.m. 7 individuo adolescente ou adulto, jovem 8. qualquer individuo desconhecido a quem nos dirigimos para perguntar ou requisitar algo. (HOUAISS, 2004, p.1940).

No Dicionário Etimológico de Corominas (1954, p.172), *Moço* é caracterizado do seguinte modo:

Mozo, voz peculiar de castellano y al gallego-portugués, de origen incerta; es probable que, lo mismo que muchacho, significara primitivamente rapado, pelado; por la costumbre de llevar en esta forma a los niños; y así pertenecerá a la familia del vasco motz ‘mocho’, ‘rapado’ gall. Esmo-despuntado; it. mozzo ‘desmochado, sin punta’, voz de creación expresiva. En lo antiguo se halla siempre como sustantivo, y designa un niño o a lo sumo un muchacho de pocos años, más bien un hombre joven.

Em Ferreira (1999, p.1350), as acepções para *Moço* estão assim registradas:

Moço (ô) [Da mesma origem incerta que o esp. Mozo] Adj. 1. Novo em idade, jovem; 2. Relativo à, ou próprio da mocidade, da juventude; 3. fig. Inexperiente, bisonho. 4. Fig. Tenro, fresco. S. m. 5.v. rapaz, 6. criado, serviçal, 7. Brás. PI Rel. Entidade da encanteria (q.v.) Moço de bordo, Moço(marinheiro novo que faz o serviço de criado, delimpeza de navio de convés, Moço de bordo (tripulante de convés) forçado, moço de fretes (carregador) (aquele que agarra o touro[...]).

No Dicionário de Antenor Nascentes (1966), há apenas a informação seguinte: “Moço, de origem incerta” (1966, p.495). No Dicionário de Terminologia Naval Portuguesa: anterior a 1460, de Pico (1964, p. 397) encontra-se o seguinte registro: “homem do mar, no elucidário dar-se a acepção de criado, moço, serventurário”. Amaral (1920, p. 172) também registra o termo apenas como: “s.m. indivíduo jovem”. O termo *moço* é de uso frequente entre os informantes:

INF. 01: “São os *mosu* da rede que trabalha na pesca. Proero é o mestre porque nem todo mundo sabe sé mestre [...] qualquer pessoa pode sé *mosu*, *mosu*, pode, qualquer pessoa adulto, né. Porque criansa nun pode pescá, criança é estudá, mas eu comecei a pescá com doze anos, mas eu não pude estudá não tive oportunidade de estudá, meu negosu foi trabaiá. (M.D, 68 anos).

Para esse termo, há variantes terminológicas de registro profissional e variantes lingüísticas semânticas. São todas aquelas que constituem os campos mais ou menos periféricos.

ABAIXADOR s.m.

Transcr. Graf. **Abaxadô**

‘Pescador que fica sob a água e dentro da rede supervisionando a captura do pescado. Além de ter como função o abaixamento e o cercar da rede’.

INF. 03: [...] só quem tem o postozinho mais alto é o *abaxadô*. O mais baxo é o contrapopero. Porque ele, o *abaxadô*, sofre asim várias consequencia, todo problema tá im cima dele ali, né. Ele é quem é, quem traz o peixe pra si, se a rede, se ele não baxá a rede, o peixe pasa por baxo. Ele vai té que mergulhá pra prendê a rede embaixo e subí. Prendê e subí é um caso sério. A responsabilidade maiô é, do lanso pra tirá, é ele. Se ele largá a rede aberta, o peixe vai embora. Nem adianta puxá a rede. (J.A.G., 59 anos).

Variante terminológica de registro profissional e variante lingüística semântica.

POPEIRO s.m.

Transcr. Graf. **Poperu**

‘Pescador responsável por remar a embarcação’.

INF. 03: *Agora eses rapaz que pesca se dama mosu de rede, cada qual tem sua posição dentro da canoa. Por exemplo:[...] e tem o **poperu**[...] rema pra governá certão pra num, num saí do ritmo, né, do nível, porque se saí, perde o lãso.* (J.A.G, 59 anos).

Forma não dicionarizada. Variante terminológica de registro profissional e variante linguística semântica.

CONTRA-POPEIRO s.m.

Transcr. Graf. **Contra-poperu**

‘Pescador responsável por largar a cortiça e auxiliar o ‘moço popeiro’.

INF. 02: *Aí leva aquele mosu, aquela pessoa. Aí pega e bota no **contra-poperu** pra largá a cortisa. Então, por ali é que a pessoa, o mosu comesa. Quem qué vai até a proero, de **contra-poperu**. Mas onde comesa é no **contra-poperu*** (C.P.N., 66 anos).

Forma não dicionarizada. É uma variante terminológica de registro profissional e variante linguística semântica e lexical.

MOÇO RASO s.m.

Transc. Graf. **Mosu razu**

‘Pescador que desempenha a função próximo a parte mais baixa do mar. Expressa a idéia de pescador ainda iniciante no labor pesqueiro’.

INF.04: *[...] Tem mosu que ahente leva ainda não sabe pescá, mas ahente leva pra desafoná, não sabe fazé a corti(=?= cortiça) a, eses é **mosu razu**, como diz. Tem o **mosu razu** e o mosu profissional, que já sabe.* (O.S., 72 anos).

Forma não dicionarizada. Variante terminológica de registro profissional e variante linguística semântica e lexical.

CALÃO DE DENTRO/ TERRA s.m.

Transcr. Graf. **Calão di dentu/terra**

‘Pescador de rede de camarão e depende da posição em que fica no mar’.

INF. 02: *Eu, com dez ano pra menô de idade, com mena idade vi que meu pai cansô de pescá de calão, a .É dois, um na frente, puxa; otro, segura o calão. **Calão di terra**, o mosu que a água fica no joeio ou abaxo do joeio* (C.P.N., 66 anos).

Forma não dicionarizada. É uma variante terminológica de registro profissional, além de ser variante linguística lexical e semântica.

MOÇO PROFISSIONAL s.m.

Transcr. Graf. **Mosu profissional**

‘Pescador mais experiente dentre os outros ‘moços’.

INF.04: *[...]. Tem mosu que a rente leva ainda não sabe pescá, mas a rente leva pra desafoná, não sabe fazé a corti (?= cortiça) a, esses é mosu razo, como diz. Tem o mosu razo e o **mosu profissional**, que já sabe.* (O.S., 72 anos).

Lexia não-dicionarizada. Variante terminológica de registro profissional.

MOÇO DE/A REDE s.m.

Transcr. Graf. **Mosu di/a rede**

‘Pescador, homem que trabalha na pesca’.

INF.04: [...] *Mas que trabaia na pescaria é mosu, mosu a rente chama de mosu, a profissão de pescadô, omi que trabaia na pescaria[...]* Aqui em Baiacu é **mosu di rede**, tem o mestre e tem os mosu, e a maneira de empregá o, o termo[...] (O.S., 72 anos).

Lexia não dicionarizada. Variante terminológica de registro profissional e variante linguística lexical e semântica.

PÉ DE BANCO s.m.

Transcr. Graf. **Pé di banco**

‘Pescador que serve tanto para remar quanto para realizar outros serviços do ramo da pesca’.

INF. 02: [...] *o pé di banco é que rema a canoa. E quando ele acaba de remá a canoa, ele vai puxá aquele chũbu, o largadô puxa uma parte e ele puxa outra até chegá em cima.[...]* As vez pega **pé di banco** pra ajudá o abaxadô[...] (C.P.N., 66 anos).

Forma não dicionarizada. Variante terminológica de registro profissional e variante linguística semântica e lexical.

CALÃO DE FORA s.m.

Transcr. Graf. **Calão di fora**

‘Moço’ pescador que pesca mais na parte menos superficial do mar’.

INF. 02: *Eu, com dez ano pra meno de idade, com mena idade vi que meu pai cansô de pescá de calão, ahente ficava chorano, e daí ahente comecemos na maré, e aprendemo que calão di fora é os mosu que fica com a água nos peitu. É dois, um na frente, puxa; otro, segura o calão. Calão de terra, o mosu que a água fica no joelo ou abaxo do joelo* (C.P.N., 66 anos).

Forma não dicionarizada. Variante terminológica de registro profissional e variante linguística semântica e lexical.

CHUMBEIRO s.m.

Transcr. Graf. **chũberu**

‘Pescador cuja função mover o chumbo que se encontra preso à rede e fazer a cortiça’.

INF. 03: [...] *tem o chũberu, no caso de rede de arrasto, tem quem puxe o chumbo* (J.A.G., 59 anos).

Variante terminológica de registro profissional e variante linguística semântica.

LARGADOR s.m.

Transcr. Graf. **Largadô**

‘Moço’ trabalhador de pesca que desempenha a tarefa de lançar a rede ao mar’.

INF. 02: *Tem, tem o largadô e tem o pé de banco. O largadô é quem larga os bolo que fica, pega no chũbu[...]* O bolo faz de cimento, é redondão. Fura o bolo, bota a corda pra amarrá no chũbu. Se não tivé aquele bolo, a rede tamém não vai pro chão, fica boiada. Ali não marisca. Tem de té aquele bolo pra puder nós mariscá (C.P.N., 66 anos).

Forma não dicionarizada. Variante terminológica de registro profissional, e variante linguística semântica.

As relações que unem o campo onomasiológico de ‘moço’ são associadas pela dupla de sentido e de forma, pelos elementos de derivação e composição, e pela função que desempenham na pesca, no caso, por hierarquia. A maioria das formas encontra-se não dicionarizadas, apenas duas (moço e chumbeiro) estão registradas, mas com significações distintas das encontradas na comunidade. O sentido de base não permanece, houve resemantização dos termos.

EXEMPLÁRIO 2: CAMPO ONOMASIOLÓGICO DE CANDEEIRO

As significações pertencentes à ‘candeeiro’ reveleam-se ser as seguintes: lampião lamparina flutuante, bóia luminosa, lanterna, fifo, facho, carucha.

CANDEEIRO s.m.

Transcr. Graf. *cãdieru*

‘Objeto que serve para clarear no escuro’.

Variante: Fifó

Em Houaiss (2004, p.130) encontra-se a seguinte definição: “s.m. utensílio para iluminação provido de líquido combustível e mecha.” Cunha (1999, p.146) inclui o termo *candeeiro* na entrada “candeia”

sf. ‘Pequeno aparelho de iluminação, abastecido com óleo’ ‘vela de cera’ | XVI, *candea* XIII || do lat. *candēla* || *candeeIRO* XIV || *candela* sf. ‘(Fís.) unidade de medida de intensidade luminosa’ XX || *candelabro* sm ‘grande castiçal com ramificações, a cada uma das quais corresponde um foco de luz’ XVII. Do fr. *candélabre*, deriv, do lat.

candéla-brum-i || *candelária* sf. ‘festa das candeias’ 1813 || *candiAR* vb. ‘guiar um carrode bois coom candeeiro’ XX.

Na comunidade de Baiacu, documentou-se *candeeiro*, na fala dos pescadores, como:

INF. 01: *Pra crariá a pescaria?, é o cãdieru , o Fifó. O Fifó se faz de lata, , faz de, de, de tampa de tubo, aí crarea. Fifó era antes, agora aí se chama Fifó tamém, não, não, cãdieru, cãdieru, agora .* (M.D., 68 anos).

Variante terminológica de registro temporal mais inovadora, também variante linguística lexical.

FIFÓ s.m.

Transcr. Graf. **Fifó**

‘Objeto que serve para iluminar o escuro’. Variante: cãdiero

INF. 01: *De primero era fifó. De primero ficava tamém na canoa lampiã, a lanterna, mas agora não tem mais não* (M.D., 68 anos).

Lexia em absolescência. É uma variante terminológica de registro temporal e variante linguística lexical.

LANTERNA s.f.

Transcr. Graf. **lãterna**

‘Objeto que serve para iluminar a ‘hora’ da pesca e o momento em que seleciona o pescado’.

INF. 03: *O cãdieru, que era fifó, lampião, é pra catá camarão. A lâterna ilumeia a pesca de resa. Agora tem a lamprina flutuante ilumeia tudo, o barco[...]* (J.A.G., 59 anos)

Variante terminológica de registro temporal.

LAMPARINA FLUTUANTE s.f.

Transcr. Graf. **lãparina flutuãti**

‘Objeto que serve para iluminar o escuro e sinalizar o local onde se está pescando’.

Variante: Bóia luminosa

Em Cunha(1999), o termo é conceituado a partir da entrada ‘lâmpada’: “lamparina 1858.Do cast.lamparilla”. (1999, p.463).

INF. 03: “*O candieru, que era fifó, lampião, é pra catá camarão. A lanterna ilumeia a pesca de resa. Agora tem a lãparina flutuãti ilumeia tudo.* (J.A.G., 59 anos).

Variante de registro terminológica temporal e profissional e variante linguística lexical.

LAMPEÃO s.m.

Transcr.Graf. **lãpiãw**

‘Objeto que serve para clarear a pescaria durante a noite’.

Cunha (1999, p.464) registra a lexia *lampião*, a partir da entrada ‘lâmpada’: “sf. ‘aparelho de iluminação’ XIII, lampaa XIV| Do lat. lampāda-ae, de lampas- ādis e, este, do gr.lampás- ādos ‘archote’ (...)|lampião-peão 1813, do it. lampione, de lampa.” Nascentes (1966, p.437) registra-a como “do it lampione.” Em Ferreira (1999, p.184), documenta-se como: “[...] subst. Masc.Lanterna grande, portátil ou fixa em teto, etc. Plural:lampiões[...].” Em Houaiss (2004, p. 446) “[.pl.:-ões]s.m. lanterna elétrica ou de combustível, portátil ou fixa”. Foram encontradas na comunidade as seguintes formas:

INF. 01: *Pra crariá a pescaria?, é o cãdieru, o Fifó. O Fifó se faz de lata, , faz de, de, de tampa de tubo, aí crarea. Fifó era antes, agora aí se chama fifó tamém, não, não, cãdiCru, agora cãdiCru. De primero era Fifó.De primero ficava tamém na canoa lãpiãw.*

BÓIA LUMINOSA s.f.

Transc.graf. **bóia luminosa**

‘Objeto que serve para sinalizar’.

Variante: lamparina flutuante

INF.03: *Aí diz: evém uma rede aí, boiada aí, vem com a bóia luminosa, vem acesa. Aí de cá, qualqué que seja a zuada, ahente já faz o sinal[...]*Com ela é difici, é.Esa **bóia luminosa**, com ela é difici porque ahente pega ela aqui, monta e cende a noite, de longe você vê po tá lá no arto mar você vê ela. (J.A.G., 59 anos).

Termo não dicionarizado. Variante terminológica temporal inovadora.É também variante de registro sócio-profissional.

FACHO s.m.

Transcr. Graf. **fachu**

‘Objeto que serve para clarear na hora da pesca’.

O lexicógrafo Ferreira (1999, p. 346) designa esse termo como “[...] Archote sm. Facho breado que se acende para iluminar[...]”. Em Houaiss (2004, p.330) “1 archote que se acende para iluminar ou sinalizar 2 fig. O que atua como guia.[...]”. Cunha (1999,p.346), por sua vez, além do registro, propõe o étimo deste termo: Sm. ‘archote’ ‘tocha’ XVI. Parece tratar-se do masculino de facha (documentado no séc.XV), derivado do lat. *fascula (de fax facis ‘tocha’) facheEAR XX || facheIRO XIX || fácula 1881.Do lat. facūla-ae ‘tocha pequena’ || fagulha XIX. Do lat. *facucūla, dim. de facūla. Entre os informantes, documentou-se o seguinte:

INF.08: *É o cãdieru, antes aqui chamava de faxu, de faxu porque o pessoal gosta de fachiá.Fachiá é você tá com o fifó andano em cima da coroa, pegano siri, ese negosu aí com o cãdiero aceso de noite[...]jai sempre vem andano com o faxu na mão, fachiano pra pudé pegá (A.G.N., 25 anos).*

Termo em desuso na comunidade. Variante terminológica de registro profissional e temporal.

CARUCHA s.f.

Transcr. Graf. **Carucha**

‘Utensílio próprio para clarear o local onde se lança a rede’.

INF. 09: *É o cãdieru , antes era a, a carucha , mas oje é o cãdieru, o cãdieru mermo, mas antes era a carucha. É, a carucha, coisa da antiguidade, sabe (A.F.P.C., 41 anos).*

Termo não dicionarizado. É uma variante de registro temporal, variante de registro profissional.Variante linguística lexical.

5. CONSIDERAÇÕES

À guisa de considerações, pode-se concluir que das designações levantadas, um número pequeno são as que se encontram dicionarizadas. Observou-se, do mesmo modo, que os dicionários gerais e etimológicos apresentam apenas definições, sem caráter ideológico. Cada termo exprime funções diferentes. A maioria expressa relação com o significado primitivo, este não se enfraquece, apesar de a forma sofrer modificações. Novos termos estão sendo incorporados na comunidade, alguns estão em desuso, outros são inovadores, e outros apresentam extensão semântica. Há presença de formas já consagradas no uso geral da língua. Há relações de semelhança e de dessemelhança entre os signos.

REFERÊNCIAS

BALDINGER, K. *Teoría semántica: hacia una semántica moderna*. Trad. Emilio Lledó; L. Molina; José Mondéjar; José Luis Rivarola. Madrid: Alcalá, 1970. Madrid: Alcalá,1970.

_____. L’objet de la linguistique: essai d’un modele de linguistique *general.Travaux de Linguistique et de Littérature*. Strasbourg: v. 15, n.1, 1977, p.379-83.

COROMINAS, Joan. *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 1954- 1957. 4 v.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca; Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

_____. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. 3. ed. Rev. y correg. Madrid: Gredos, 1973.

FAULSTICH, E. Variação em terminologia: aspectos de socioterminologia. In: *Pannorama actual de la terminologia*. Granada: Comares, 2002, p.65-106

HEGER, Kleus. Teoría semántica: hacia una semántica moderna II. Trad. José Luis Rivarola. Madrid: Alcalá, 1974, p. 1-33; 107-211.

POTTIER, Bernard. A definição semântica nos dicionários. IN: LOBATO, Lucia Maria Pinheiro. *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977, p.21-31.

_____. *Semántica general*. Versión española de Francisco Díaz Montesinos. Madrid: Gredos, 1993.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: Introducción a la ciência del significado*. Trad. de J.A. Osório Mateus. 5 ed. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 1987.

VIDOS, Bedek Elemér. *Manual de lingüística românica*. Trad. de José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1973.

WARTBURG, Walter von. *Problemas y métodos de la lingüística*. Trad. de Damaso Alonso y Emilio Lorenzo. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1951